

Sobre racismo e civilização¹

Ricardo Azevedo

Graças à inteligência humana e ao pensamento racional saímos das cavernas e, aos trancos e barrancos, temos construído uma civilização.

É inacreditável que em 2020 ainda exista gente que acredite que brancos são mais “adiantados” ou “superiores” a pretos, indígenas e mestiços.

A ciência ainda não conseguiu acabar com a burrice mas já provou e comprovou que brancos são iguais a pretos, mestiços e indígenas. Todos somos seres humanos.

Pretos, brancos, amarelos, vermelhos, ou seja, seres humanos de todas as cores, vivem às voltas com assuntos subjetivos relativos à vida concreta: buscam seu autoconhecimento, têm paixões, lutam para construir sua voz pessoal, sentem dificuldade para separar realidade e fantasia, têm medos e sonhos, têm contradições, incoerências e ambiguidades.

Fora isso, todos os seres humanos, sejam pretos ou brancos, são seres eminentemente sociais (e incapazes de viver sem uma sociedade);

São expressivos, emotivos, criativos e efêmeros (ou seja, envelhecem e morrem);

São capazes de construir linguagens e símbolos (e não apenas utilizá-los e repeti-los);

São capazes de pensar em coisas abstratas como justiça, moral e estética (somos o único animal capaz de fazer isso);

São capazes de transformar a si mesmos, a natureza e a sociedade (para melhor e para pior);

São capazes de sonhar em construir um futuro mais civilizado tendo em vista os que ainda não nasceram (em que os interesses da sociedade estejam o mais próximo possível dos interesses de cada indivíduo).

O “preconceito” corresponde a uma opinião aceita como verdade indiscutível, sem discussão nem qualquer pensamento crítico. Como explica o pensador da política Norberto Bobbio (1909-2004), tal aceitação é automática, acrítica e passiva “na medida em que a aceitamos sem verificá-la, por inércia, [e] com tanta força que resiste a qualquer refutação racional, vale dizer, a qualquer refutação feita com base em argumentos racionais. Por isso se diz corretamente que o preconceito pertence à esfera do não racional, ao conjunto das crenças que não nascem do raciocínio e escapam de qualquer refutação fundada num raciocínio.”

¹ Publicado em 7/7/2020 em <https://www.facebook.com/rjdazevedo>

Trocando em miúdos, ou pensamos e agimos por meio da razão – o que significa conhecer as bases e as consequências de nossos atos até para poder aprimora-los – ou simplesmente pensamos e agimos mecânica e irracionalmente a partir de tradições, costumes e crenças.

Se levado à sério, o racismo equivaleria a, por exemplo, dizer que pretos sofrem menos que brancos ou que a humilhação de mestiços é menos cruel do que a humilhação de brancos. Certamente, para os racistas, o sofrimento e a humilhação de pretos, mestiços ou índios é irrelevante (!).

Como sugeriu Bobbio “Para nos convenceremos da substancial unidade da espécie humana, não é preciso imaginar argumentos filosóficos. Basta olhar o rosto de uma criança em qualquer parte do mundo. Quando vemos uma criança, que é o ser humano mais próximo da natureza, ainda não modelado e corrompido pelos costumes do povo em que está destinado a viver, não percebemos nenhuma diferença, senão nos traços somáticos, entre um pequeno chinês, africano ou índio e um pequeno italiano.”

Outro Norberto, o sociólogo Norbert Elias (1897-1990), sugeriu alguns índices de civilização. Cito dois deles: 1) um comportamento humano baseado num autocontrole individual exercido de forma razoável e 2) o desenvolvimento da capacidade do ser humano de se identificar com outros seres humanos “com relativa independência do grupo a que pertençam”.

Trata-se da construção da tolerância, da empatia e da identificação com relação tanto a diferentes grupos de interesse quanto ao que é culturalmente diferente. “Civilização” para Norbert Elias significa, em suma, humanização, no sentido a) da consciência de que temos de administrar nossas pulsões e interesses pessoais diante das responsabilidades inerentes à vida em sociedade e o futuro das gerações vindouras e b) no sentido da identificação, e não da diferenciação, entre seres humanos, em suma, da busca da identificação com o outro.

Uma coisa é certa: não há outro caminho para combater o preconceito racial senão uma educação de qualidade voltada aos valores humanos universais.

Nossas escolas têm estudado com seus alunos a Declaração Universal dos Direitos Humanos? Ela é de 1948 portanto já houve tempo para incorporá-la aos currículos!

Outra coisa: vale lembrar que racismo e democracia são incompatíveis. Supõe-se que racistas prefiram viver em ditaduras. Haja tiro no pé! Como disse, a ciência infelizmente ainda não conseguiu um remédio ou vacina eficaz contra a burrice.